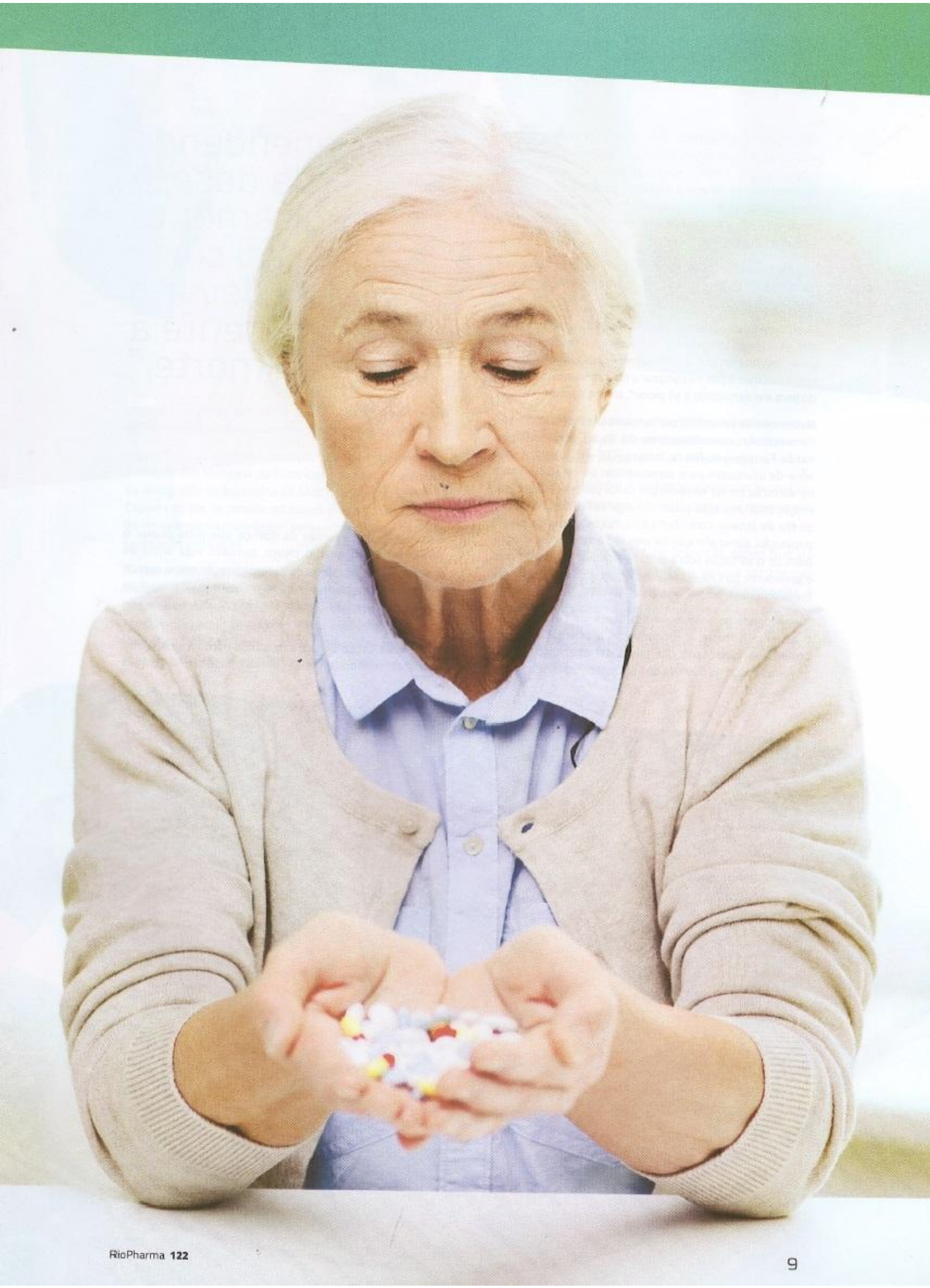
Solução caseira é arriscada

Três a cada quatro pessoas no Brasil se automedicam

A administração de medicamentos por pacientes é uma prática comum no Brasil. Ter aquela "farmacinha" no armário do banheiro pode, para muitos brasileiros, representar um sinal de prudência e prevenção, mas é preciso um alerta: a ingestão incorreta de remédios é perigosa e pode até matar. A questão é cultural. Segundo uma pesquisa de 2014 do Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para Farmacêuticos (ICTQ) com o Datafolha, 76,4% da população faz uso de medicamentos por indicação de amigos e familiares, sem o acompanhamento adequado. Além disso, dados do Sistema Nacional de Informações Toxico Farmacológicas (Sinitox), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mostram que, em 2011 e 2012, foram registrados 1.422 casos por automedicação, sendo que três deles resultaram em óbito.

A jornalista Alessandra Pereira, de 43 anos, começou a tomar remédios sem prescrição após um sério problema na coluna.

"Estava com muita dor e total incapacidade de recorrer ao médico. Fui comprando remédios que me indicavam, sempre com o cuidado mínimo de ler a bula, suas indicações e complicações. Tive hérnia de disco e até consegui um caminho certo de medicação, mantendo parte dela após intervenção médica. Depois disso, virou rotina com pequenos problemas: desde anticoncepcionais, antigri-



pais, cólicas e até gastrite. Em janeiro, comecei a passar mal, com dores no corpo, tonturas e enjoos. Tomei vários medicamentos simples, como relaxantes musculares e dipirona, mas só agravava o quadro. Depois de três semanas piorando, fui ao médico e descobri uma grave infecção urinária, aliada à anemia aguda. Tomei o remédio certo e melhorei", diz ela.

Segundo a jornalista, a administração de medicamentos por conta própria foi um recurso para a insuficiência dos serviços de saúde:

"A automedicação supre uma carência de atendimento médico, já que não tenho plano de saúde e o tempo de espera para o atendimento é de vários meses. Já passei mal com remédios, mas o pior foi comprar o medicamento inadequado para a enfermidade e só piorar", afirma Alessandra.

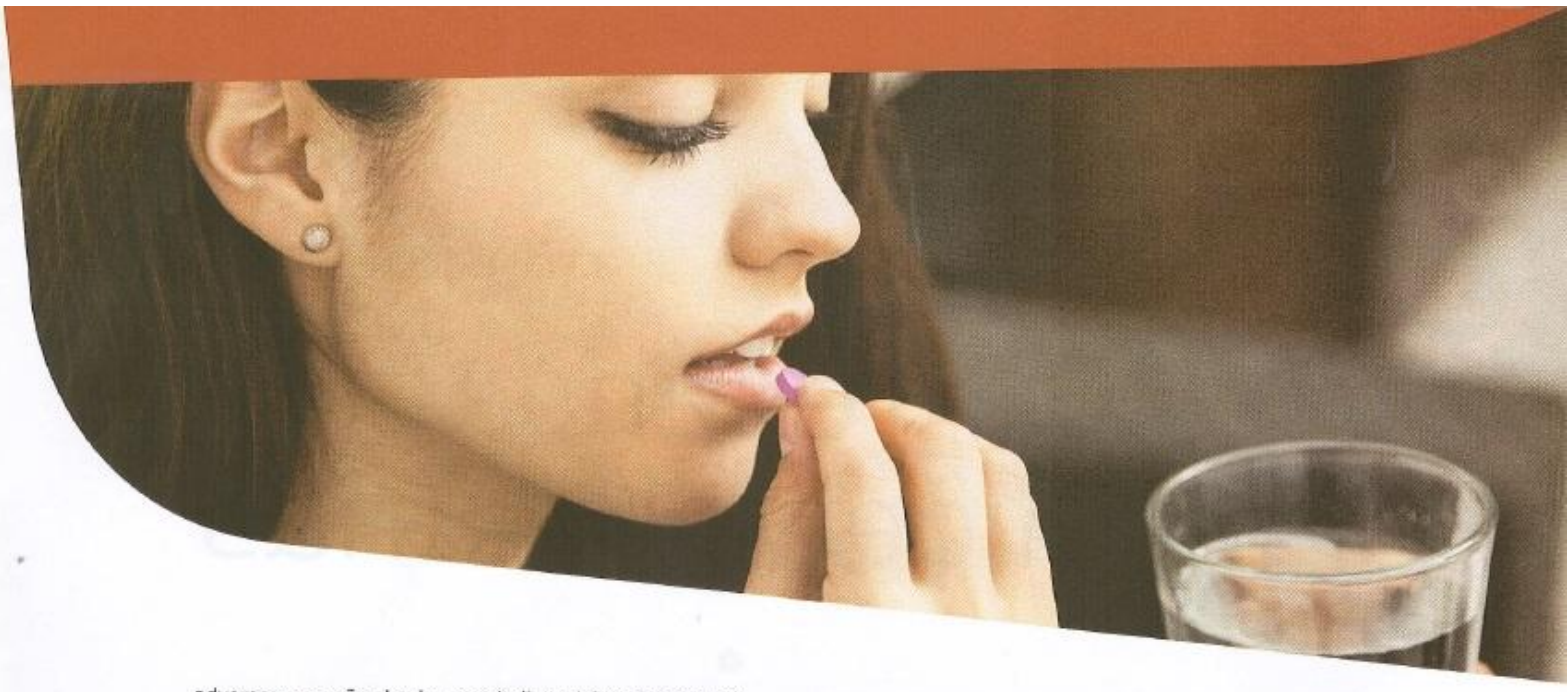
Neste mês de setembro, por conta do Dia Internacional do Farmacêutico, comemorado no dia 25, o Conselho Regional de Farmácia do Rio de Janeiro (CRF-RJ) organiza uma série de atividades para conscientizar os cidadãos sobre os riscos de tomar remédio por conta própria. Na programação está uma ação social no Largo da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro, com oferta de serviços gratuitos para a população, como aferição da pressão arterial e de glicose, além de orientação sobre automedicação. De acordo com o presidente do CRF-RJ, Marcus Athila, a diferença entre o medicamento e um veneno é a dose.

"Dependendo da dose, o medicamento vai curar ou levar o paciente à morte. É fundamental a orientação de um profissional capacitado, que possa dar orientações sobre os riscos e tirar as dúvidas dos pacientes", destaca Athila.

> "Dependendo da dose, o medicamento vai curar ou levar o paciente à morte."
>
> Marcus Athila

A ocultação de sintomas da doença, que pode causar o agravamento do quadro clínico, também está entre as consequências possíveis da automedicação, como explica a chefe do Serviço de Farmácia do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, da Fiocruz, Dra. Camila Rocha da Cunha:

"A automedicação pode trazer sérios riscos à saúde. Dependendo do medicamento utilizado, pode causar reações



adversas que vão desde uma indisposição gástrica até problemas mais sérios, que necessitam hospitalização".

Para o Dr. Luiz Jorge da Conceição Junior, clínico geral, especialista em Medicina do Exercício e do Esporte e diretor de divulgação da Sociedade de Medicina do Exercício e do Esporte do Rio de Janeiro, os baixos níveis educacionais e de infraestrutura contribuem sensivelmente para a prática da automedicação.

"O baixo nível de esclarecimento faz com que a população busque soluções mais simples para seus problemas. Ela acaba associando A com B. Isto é, se está com dor, ingere o remédio para a dor. Se está com febre, então ingere o remédio para a febre. Além disso, países menos desenvolvidos, com sistemas de saúde não tão bem aparelhados, dificultam muito o encontro do auxílio médico. Isso desestimula a busca pelo acompanhamento profissional, incentivando que as pessoas se mediquem", afirma o médico.

O clínico citou também o caráter massivo das propagandas em relação aos medicamentos como um incentivador da automedicação:

"Os anúncios de remédios na televisão dizem que, ao persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. Ou seja, primeiro o paciente se automedica e só depois que ocorre algum problema é que ele deve consultar o médico. Essa propaganda massiva é um pouco pernóstica e contribui bastante para o aumento da automedicação".

combinações perigosas

Segundo a Dra. Camila Cunha, a automedicação é um dos principais fatores que causam as interações medicamentosas. O leigo, ao se automedicar, se expõe a diversas possibilidades de interação, já que não conhece as propriedades das substâncias que está ingerindo. Entre essas possibilidades existem combinações prejudiciais que são feitas com mais constância pela população:

"Vemos, com muita frequência, a interação de antiácidos com alguns antibióticos, com a consequente diminuição da absorção destes. Também acontecem interações entre antidepressivos e medicamentos para emagrecer, ansiolíticos e inibidores de apetite. Outra preocupação são os medicamentos naturais, como chás, que são utilizados indiscriminadamente, e que podem interagir com outros medicamentos".

Além disso, a especialista lembra que as interações prejudiciais ao organismo não ocorrem apenas entre medicamentos, mas com todas as substâncias que podemos ingerir.

"Outra questão importante é a interação medicamento-alimento. A administração do medicamento com leite pode causar diminuição na absorção de antibióticos, por exemplo. A ingestão de álcool interfere na ação de várias substâncias, como antidepressivos e ansiolíticos. O fumo também interage com os anticoncepcionais, por exemplo", relata.

Para o Dr. Luiz Jorge, a ausência de necessidade de receita para alguns medicamentos não é positiva para a população:

"Em princípio, acho que todo e qualquer medicamento só deveria ser consumido com a prescrição médica, cabendo ao farmacêutico, sem dúvida nenhuma, dispensar esse medicamento. Inclusive, se a prescrição do médico estiver equivocada e o farmacêutico achar que essa prescrição está errada em algum aspecto, seja na junção de dois medicamentos ou na composição de uma fórmula, acho que ele não tem só o direito, mas o dever de intervir, ligar para esse médico, conversar, para ver qual é a melhor prescrição, mas a lei permitir que haja alguns medicamentos que não necessitem de receita médica é algo que considero um pouco permissivo e não acho que essa medida seja inteligente para a sociedade".